

Folha d'Ovar

FOLHA POLITICA, LITTERARIA E NOTICIOSA

ASSIGNATURA

Assignatura em Ovar, semestre..... 500 réis
Com estampilha..... 600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio.
Pagamento adiantado.
Annunciam-se obras litterarias em troca de dois exemplares.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — LARGO DE S. MIGUEL

DIRECTOR E RESPONSÁVEL

M. GOMES DIAS

PUBLICAÇÕES

Publicações no corpo do jornal, 60 réis cada linha.
Annuncios e communicados, 50 réis; repetições, 25 réis. — Annun-
cios permanentes, 5 réis.
25 p. c. de abatimento aos srs. assignantes.
Folha avulsa, 20 réis.

Ovar, 11 de outubro

Os titulos prediaes

Voltam-se as atenções ge-
raes para a agricultura. Já se
diz que o seu futuro é todo
o futuro de Portugal—que a
produção agricola é todo o
paiz que progride. (*Jornal de
Noticias.*)

Somos ainda obrigados a
comprar fóra nove mil contos
de trigo, que o solo portu-
guez póde produzir, e até
muito mais, além de vinte e
dois mil contos, que produz
regularmente.

Um esforço dos producto-
res conseguiria satisfazer a
essa falta.

Mas nós precisamos de
criar mais valores do que
esse—as nossas finanças exi-
gem medidas de mais alcan-
ce.

Por meio da emphiteuse,
ou por qualquer modo, que o
governo faça valer os terre-
nos incultos, poderá emittir
uns titulos prediaes, isto é,
sobre hypothecas, negocia-
veis em toda a parte, de in-
teira confiança, que viriam
ajudal-o a sahir das difficul-
dades financeiras. Assim tam-
bem para pagar uma grande
parte dos juros da divida
enorme, que nos assoberba,
teria uma renda certa, au-
gmentando, em vez de dimi-
nuir, os recursos do paiz.

O grande movimento in-
dustrial d'este seculo, o jogo
de bolsa sobre titulos de pu-
ro credito, affastaram os ca-
pitalistas dos emprestimos
sobre hypothecas.

Mas as morosidades que
acompanham estes ultimos,
não se dão, quando é um go-
verno o responsavel pelos ju-
ros. Hoje o capital tende a
dirigir-se para a terra, quan-
do o credito de todos os go-
vernos e companhias está tão
abalado, quando os titulos,
que não correspondem a um
fundo real, se acham sujeitos
a baixas ruinosas.

A terra é para nós a base
do credito nacional. Melhor
que todos os outros circula-
riam os titulos prediaes. Na
Allemanha, na Belgica, na
Hollanda e na Austria, exis-

tem hoje estabelecimentos
bancarios, que emprestam aos
estrangeiros sobre hypothe-
ca, e da mesma sorte em-
prestariam aos nossos gover-
nos.

Não despresariam os capi-
talistas uma collocação tão
segura dos seus fundos.

E' a terceira vez, que pela
imprensa fallamos n'este as-
sumpto, digno, segundo nos
parece, da attenção dos nos-
sos estadistas.

Está passando a era das
especulações phantasiosas e
arriscadas.

Até na Africa podemos dar
a esta lembrança uma appli-
cação vastissima. Para lá con-
vergem hoje todas as vistas.
Estamos resolvidos a explora-
la, mas faltam-nos os capi-
taes necessarios.

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

CONFRONTOS

XXXIX

Carga d'Ossos

«Escalpellido o criminoso,
observando-se a sua structura,
dissecando-se fibra a fibra o te-
cido até ficar nú o esqueleto,
ahi mesmo o phisiologista en-
contrará o germen do crime. O
criminoso tem organização es-
pecial. O criminoso ainda que
cercado de dinheiro é sempre
um desgraçado; ainda que de
apparencias faustosas é sempre
um infeliz; perdeu a noção do
brio, da honra para se dedicar
inteiramente, exclusivamente ao
seu fim, tanto mais aviltante,
tanto mais baixo, quanto mais
é sordido.

E se o observador attento
quizesse pesquisar as caracte-
rísticas do crime no *Carga
d'Ossos*, se elle quizesse exami-
nar esse typo genuino do
crime, da crapula e do cynis-
mo, esse miseravel que por ahi
alardeia importancia e se não
lembra d'um pobre artista de
Pardilhó mettido na cadeia por
causa da moeda falsa, esse des-
graçado, repito, iria hoje, que é
domingo de Paschoa, ajoelhar
na igreja e pedir a Deus que
se compadecesse dos seus pec-
cados, se compadecesse d'elle
que tem sido um ladrão e um
assassino, d'elle que tem rou-
bado os revendedores de vinho
nos excessivos augmentos.

Carga d'Ossos, penitenciaia-
te, implora a misericordia cele-
ste para os teus nefandos crimes,

restitue aos pobres aquillo que
lhe tens roubado, penitenciaia-
te *Carga d'Ossos!*

Tu vaes ao teu destino que
será a cadeia, a grilheta. Vae,
Carga d'Ossos, vae, que a mal-
dição de todos aquelles que
tens esfolado te acompanhará.»

(Do *Povo d'Ovar* n.º 38,
orgão do celebre heroe de S.
João).

Do mesmo jornal:

«O Placo vae-se, não quer
aturar a turba dos vadios que o
apoquentam por dinheiro. Elle
bem lh'o dava se o tivesse e
não houvesse alguém que lhe
encurte as redeas.

Lá se vae o Placo para Lis-
boa, lá se vae o meu entrete-
nimento de todos os dias!

Triste condição a do pobre
Placo! Pensava em gosar agora
a sua obra, a derrocada de toda
a ordem, mas por isso mesmo
se vê obrigado a emigrar para
longas terras, mesmo sem o
despacho por que tanto alme-
java.

Vae e deixa os fogueteiros
sem pagar: vae com os protes-
tos d'amizade dos vadios e ca-
ceteiros, os seus queridos com-
panheiros nas patuscadas dos
cabritos, mas vae com os odios
de todas as pessoas sensatas.
Nullo, chato d'intelligencia ser-
viu apenas para as arruaças e
sempre cercado de força arma-
da, porque do contrario ha
muito que teria fugido, porque
é sufficientemente cobarde.

Vae, Placo, e não voltes,
porque talvez não encontres pa-
ra te guardar as costas, a força
armada.»

Ainda do mesmo jornal:

Anniversario d'um roubo

«Fez ante-hontem um anno
que appareceu arrombada a por-
ta d'entrada da ourivesaria de
Antonio Manoel da Costa e Pi-
nho & Filho, no largo do Cha-
fariz, d'esta villa, faltando d'ahi,
segundo as declarações dos do-
nos, uma nota de banco e ob-
jectos d'ouro no valor approxi-
madamente de dois contos de
réis.

O modo como o roubo fóra
praticado, as alfaias de que se
serviram os ladrões, os indicios
que desde logo appareceram e
as relações que haviam entre
os roubados e as auctoridades
administrativas, fez presupor
que dentro em pouco seriam
descobertos os auctores de tão
audacioso feito.

Não succedeu porém assim
—ou devido á impericia do ad-
ministrador Mello e do seu sub-
stituto Coentro, ou patrocínio
de quem quer que fosse, aos la-
drões, porque desde logo se
espalhou e era opinião quasi

unanime que os ladrões faziam
parte do grupo politico *limona-
da*, pousou sobre o facto a lou-
za sepulchral do silencio e nada
se fez tendente a entregar á
acção da justiça os ouzados la-
drões.

Corria, como dissemos, a ver-
dade quasi unanime de que os
auctores do roubo eram *limona-
das*, e, com effeito, deu-se então
uma coincidência notavel, ou
pelo menos notada através da
verdadeira claridade da razão e
do bom senso:—foi o caso que
sendo José Maria da Costa e
Pinho um dos roubados, agente
do Banco Alliança, o Soares
Pinto fazia constar de ha muito
que lhe havia de tirar a agen-
cia.

No dia seguinte ao do roubo
era apresentado ao José de Pi-
nho um saque de um conto de
réis, pago á vista, passado pelo
referido Banco a favor do Soa-
res Pinto e indossado a um ter-
ceiro, talvez socio, quem sabe!
...

Ha ainda mais: de numerosas
cartas anonymas, enviadas ao
governador civil do districto,
tendentes a desnorrear a acção
da policia, uma d'essas cartas
foi reconhecida como obra do
filho do Soares Pinto!

A conclusão d'estas coinci-
dencias deixamolas ao bom
senso dos leitores, limitando-
nos a perguntar: porque se pas-
saria o Soares?»

E nós, egualmente:—por-
que se passaria o heroe de
S. João?

Dignidade, sentimentos im-
maculados, firmeza de carac-
ter, brio, pundonor, taes
são as sagradas qualidades
que se abrigam no peito d'es-
te celebre e *benemerito* heroe!

Sentenças e despachos do sr. juiz Salgado e Carneiro

IV

Ainda o crime d'injuria

9.º

O réo-bacharel, como vimos,
aggravou do despacho, que
marcou dia para o julgamento.
O juiz recebe o agravo, não
o repara, mas responde em fa-
vor do recorrente!!

A resposta do sr. Carneiro

1.º «O aggravante não jun-
tou petição de recurso, mas
«essa falta não póde determi-
nar a deserção. Accord. do S.
T. 10 de maio de 1892—da R.
do P. 22 de dezembro de 1882.

2.º «O despacho recorrido na-
da mais fez do que cumprir o
«venerando accordão, que me
«obriga, embora não obrigue o
«recorrente!

3.º «O Codigo Penal não de-
fine directamente a injuria—
«dos art. 407.º e 410.º apenas
«se deduz, que é injuria qual-
«quer expressão, que, sem im-
«putar facto determinado, of-
«fende comtudo a honra e a
«consideração d'alguém. Este
«ultimo elemento é commum á
«diffamação e á injuria. A lei
«protege a honra e a considera-
«ção dos cidadãos, mas não os
«seus melindres e susceptibili-
«dades—porventura exaggera-
«das.

«Se assim não fosse bem po-
«dia a imprensa fechar os seus
«escriptorios!

4.º «Os escriptores, porém, e
«alguns codigos estrangeiros,
«fazem consistir a injuria na
«imputação de vicios, e em ex-
«pressões de desprezo e de in-
«correctiva.

«Nada d'isto eu via nos tre-
«chos incriminados, nem o ve-
«nerando accordão affirma que
«lá exista.

5.º «Quanto á diffamação ha
«effectivamente n'aquelles tre-
«chos a imputação de dois fac-
«ctos determinados «os quaes
«eu não tinha como immoraes
«ou contrarios á lei—sem o
«que elles não poderiam offen-
«der a honra e a consideração
«d'outrem, como dizem os es-
«criptores, nem por consequen-
«te o crime de diffamação.

5.º «O venerando accordão
«seguiu rumo diverso, resollen-
«do quanto á primeira imputa-
«ção que offende a honra e
«consideração do recorrido.

«Supposto eu considerasse
«como inteiramente licitos en-
«tre particulares os presentes
«principalmente do genero d'es-
«te que se trata, não deixou de
«ocorrer-me a illação do ve-
«nerando accordão.

«Mas no estado relativamen-
«te atrazado dos meus conhe-
«cimentos juridicos não podia
«adoptal-a—tendo como certo.

GAZETILHA

Fiado no seu *cerquinho*,
Irado mas não facundo,
Vae o cifra ameaçando
Terra, céu, o mar, o mundo!

Qualquer dia, toma nota,
Que me dê p'r'ahi na telha,
Provarei que és um poltrão
Cortando-te uma orêlha.

A valentes como tu
Fanfarrices não aturo:
—Mette a viola no sacco
Ou as costas no seguro.

Zé.

1.º «que nenhuma intenção malefica podia inquinar de criminoso um acto, que não tivesse os caracteres materiaes do crime.

2.º «que o corpo de delicto não pôde formar-se por induções.

3.º «que o facto induzido, o prestar serviços por interesse não era immoral ou prohibido por lei—para quê, segundo o meu systema, podesse offender a honra e a consideração de alguém.»

6.º «Quanto á segunda imputação, lê-se no segundo dos artigos incriminados que o aggravo passava por senhorio da companhia chamada Barrumba, e que esta companhia, segundo o costume d'outras deixou de pagar o imposto do pescado.

«Comtudo, para que no futuro o imposto estivesse liquidado, caso a fazenda nacional o pedisse, foi sempre tirado em contas, e depositado na mão do procurador ou senhorio da companhia, embora na responsabilidade civil estivesse o arrais.»

«Do producto imposto do pescado está de posse o sr. Aralla.

7.º «Pareceu-me, segundo as regras grammaticas, que este ultimo periodo não podia isolar-se do anterior, e portanto o imposto do pescado em poder do sr. Aralla é precisamente aquelle que costumava depositar-se na mão dos senhores—um deposito voluntario, que eu entendia não deshonrar ninguém.

«No accordão lêem-se porém estas palavras: «Não se dizendo nem se provando que tal dinheiro lhe fosse entregue em virtude de deposito.

«Respeito como me cumpre esta decisão, mas não posso domar as leis da intelligencia.»

Em resumo

10.º

1.º «O accordão obriga o juiz e não obriga o recorrente.

2.º «Não ha injuria nem diffamação—não ha injuria por que não ha expressões, que offendam a honra e a consideração—e não ha diffamação porque os factos imputados são licitos—são licitos os presentes entre particulares, e um deposito voluntario a ninguem deshonra.

3.º «A segunda das passagens incriminadas refere-se ao deposito voluntario e comtudo no accordão se lêem as seguintes palavras:—não se dizendo nem se provando, que o dinheiro fosse entregue ao aggravo em virtude de deposito.

4.º «Por isso não posso domar as leis da intelligencia!»

Analyse

11.º

Acreditamos, que as leis da intelligencia sejam para o sr. juiz umas feras, e que por isso o sr. Carneiro não possa domar-as.

A contradicção, que imagina entre o accordão e a segunda passagem arguida, é o ponto, onde essas feras mais esbravejam na sua mente.

Mas não ha tal contradicção e as leis aqui são domaveis.

Os juizes da Relação referem-se ao deposito legal, porque é n'esse, que o sr. Aralla podia conservar o dinheiro al-

ludido, e estando sempre responsável por elle, não havia injuria ou diffamação em lhe apontar esse facto. E' o que se induz do accordão.

Mas a diffamação consiste principalmente em dizer-se «que sendo o deposito voluntario, e o sr. Aralla por isso podendo no futuro não ser responsável, não o apresenta nem á fazenda nem ao arrais, o unico, que tem a responsabilidade civil, e ha dez annos se aproveita dos jurosem sem direito algum a uma quantia, que não é para desprezar-se.»

E' aqui que está a offensa, e o sr. juiz pelo contrario julga que a offensa só se daria se o deposito fosse o legal, segundo o Art. do Cod. Civil 1:435.º

O erro é do sr. Carneiro, e não dos juizes superiores.

12.º

Demais como bom grammatico, se devia ligar os periodos a que se refere, tambem devia ligar-os ao resto da passagem, que omitta, e que se acha no corpo de delicto.

Eis porque não domou as leis da intelligencia.

13.º

As suas reflexões sobre a injuria são descabidas ou excrescentes.

A injuria dá-se quando se offende a honra e a consideração, mas não se aponta um facto determinado. No nosso caso apontam-se dois. Trata-se, segundo o Codigo, de diffamação, e não de injuria.

Nada temos o que explicam os escriptores estrangeiros, e cujas explicações de nada servem ao sr. juiz.

O sr. Carneiro considera licitos os presentes entre particulares; sem duvida o são—mas os presentes recebidos por serviços publicos são deshonrantes e até puniveis.

14.º

Muitos factos são injuriosos ou diffamatorios e comtudo não são puniveis, mas quando são puniveis, certamente se devem julgar offensivos da honra.

Ora o art. 327.º applica aos nomeados por eleição popular todo o capitulo 13.º—e portanto o art. 322.º citado pelo sr. juiz é applicavel ao deputado e ao presidente d'uma camara municipal, que recebe presentes pelos serviços, que prestam n'essa qualidade.

No jornal arguido falla-se de vinte annos da vida publica do aggravo, dos serviços que prestou aos seus conterraneos, e dos presentes que por isso recebeu.

O sr. juiz, como bom grammatico, não pôde desligar essas phrases, que se acham no mesmo periodo.

Embora o sr. Aralla não seja um empregado, e não se tratasse de punir qualquer crime d'essa ordem, os artigos citados servem para se affirmar que houve diffamação com toda a certeza.

E ao sr. juiz serviram para negal!

15.º

Escreve tanto em favor do aggravo, e não o repara?

Pôde recebê-lo, e não pôde reparal-o?

E recebe-o porque, a sentença do tribunal superior—obriga o juiz e não obriga o recorrente?!

Que absurdos são estes, sr. Carneiro?

Nunca tal se escreveu no papel sellado!

Pois o accordão considera constituido ou procedente o corpo de delicto, isto é, obriga o réo a ser julgado, e obriga só o juiz, e não obriga o recorrente?

Como recebeu o sr. juiz um aggravo sobre a materia de um accordão, que passou em julgado?

Como é que os accordãos não obrigam ao mesmo tempo os juizes e os recorrentes?

Como pôde aqui o sr. juiz domar as leis da intelligencia?

(Continuaremos).

Lourenço d'Almeida e Medeiros.

Um additamento a Labruyère

QUEM É?

Quem é o cifra? Uma entidade sem merito e sem influencia, mas com pretensões desmedidas, estultas, proprias do homem que ignora os principios mais rudimentares do civismo.

E' um zero!!!... verdadeira significação do alcunha, que lhe gravaram na testa os progressistas, seus fieis aliados!!!... o homonymo do cão do Victoria, actual mestre d'obras, que por irrisão bem saliente, mas que elle ainda não attingiu, tal é o estado dementado d'aquelle cerebro, lhe chama actualmente menino!

Quem é o cifra? E' o homem de todas as côres, o excomulgado de todas as seitas politicas, o renegado de todos os partidos, o petulante com ares de sabio, o ambicioso que faz cahir no abysmo a boa fé de quantos têm a desdita de momentaneamente estarem a seu lado. Batido por aquelles a quem havia insultado na sua honra, e a que hoje chama amigos, acossado e repellido pelos seus actuaes adversarios que, depois de lhe darem a mão, receberam d'elle o mais formidavel coice, guindado pela audacia e pelo acaso a um logar de que é indigno, elle ahi campêa infrene desfazendo tudo para nada fazer, compromettendo e arrastando no turbilhão das suas inepcias um homem que o concelho considera digno e honrado e que o tercius gaudiat fez collocar á testa da corporação municipal.

Entidade balofa, sem brios nem dignidade, só para satisfazer caprichos e apparentar importancia vae acorrentando o concelho a uma derrocada inevitavel em futuro não mui longiquo. Uma vez enforcado na praça publica por aquelles, a quem se alliou, e que o supportam para levarem mais longe a sua vingança em opportuna occasião, não se emendou e quer ainda proseguir o caminho até ahi pisado, insultando tudo e a todos, mas com insulto banal, baixo e proprio do seu character!

Ahi o tendes descripto com todos os seus caracteristicos, o principal dos quaes é, sem duvida, o seu riso alvar.

Deixae-o pois debater em convulsões nervosas contra os que d'elle se riem, porque o seu castigo está no proprio remorso. Não o atormenteis mais... lança-o á margem... unico logar onde pôde fazer uma figura distincta... digna de si!!

B.

NOTICIARIO

Necrologia

Finou-se na quinta-feira, na sua casa, em Vallega, uma irmã do sr. Antonio d'Oliveira Martins.

A este cavalheiro e mais familia, os nossos sentidos pezames.

—Sepultou-se no domingo uma menina de oito annos, sobrinha do nosso amigo João da Graça Corrêa.

A toda a familia e especialmente ao sr. João Corrêa, os nossos sentimentos.

Confronte-se...

Diz o heroe de S. João, no seu immundo papel de domingo, que «deu á luz um robusto menino a ex.^{ma} espoza do nosso amigo Frederico Ernesto Camarinha Abração»

Amigo?!...

Mas no seu Povo d'Ovar n.º 146, em 1889, elle escreveu:

—«Os Fudericos e Angelo lembraram de ir apreciar um processo de transgressão levantado a proposito da construcção d'um passeio

Aquelles sujeitos que andam sempre ás arraias lembraram-se de chamar *passadiço* ao passeio, como se obra feita se parecesse ao menos com um *passadiço*.

Fudericos não se lembrou de pegar n'um dictionario, se tal fizesse havia de lêr—*Passadiço*.

...Os Fudericos vão muito bem n'aquelles papeis.»

Do mesmo papel:

—«Tem estado bastante incommodado o nosso importante amigo, sr. José Pacheco Polonia, vereador da camara municipal, etc.»

E do Povo d'Ovar n.º 44, em typo graúdo:

—«O rei Bamba tem muito dinheiro, no dizer d'elle, para livrar os dois filhos. O rei Bamba dá cá o pé.»

Quem era este—rei-Bamba?

Falla ainda o mesmo heroe:

—«Os calumniadores.—Depois que os Fudericos ficaram á vontade no papel (leia-se *Ovarense* de que elle é redactor) começaram os insultos rasteiros a apparecer.»

Que importa isso, se hoje são amigos e correligionarios?

Só perguntamos: Quem tem vergonha?

Publicações

Foi-nos offerecido pelo sr. Alexandre das Dores Casimiro, intelligente professor official n'esta villa, um precioso livrinho «Historia de Portugal» para uso dos lyceus, nos exames d'admissão.

A competentissima auctoridade do sr. Alexandre Casimiro é ha muito tempo reconhecida, especialmente pela sua illustrada classe que tem apreciado com palavras lisonjeiras e justas todos os livros scientificos que elle tem publicado; e basta isto para nos abstermos de fazer uma critica longa á nova «Historia de Portugal», que acaba de publicar.

O livro é bem impresso, claro, e o seu preço é de 240 réis.

Ahi fica o aviso para os chefes de familia.

A'quelle distincto professor agradecemos a amabilidade da sua offerta.

—Recebemos tambem um catalogo da importantissima caza de Lisboa, «Grandella & C.ª».

—Recebemos tambem o summa-rio do 5.º fasciculo do «Cancioneiro de musicas populares» que se compõe do seguinte: *Tia Annica de Loulé*, cantiga do Algarve; *Virgem Pura*, hymno religioso; *Rechu-chu*, cantiga das ruas; *Anadia*; *Chula d'Amarante*; e *Mané Chiné*, cantiga das ruas.

A' venda na rua da Fabrica, 80. —Porto.

Agradecemos as offertas.

Pequenas locaes

Acha-se no Furadouro com alguns dias de licença, o nosso querido amigo, Gomes Netto.

Venha de lá um abraço pela sua estada n'esta patria, com o que muito folgamos.

—Deve partir hoje para a capital o nosso presado amigo José O. Gomes.

Uma viagem sem incommodos, muita saude e mais dinheiro, tal é o nosso desejo.

—Chegou na segunda-feira o nosso bom amigo José Vidal.

—Partiu para Lisboa o nosso amigo dr. José Maria de Souza Azevedo.

—Chegou do Furadouro o nosso amigo João Coelho e familia.

—Tambem regressaram d'aquella praia os nossos amigos dr. José d'Almeida, Dias Simões, Manoel e José Barbosa e familia.

Real Theatro da Estrella

Regularmente concorrido o espectáculo de hontem no nosso theatro, pela companhia dramatica comica, sob a direcção de D. Eduardo R. de los Rios. Bom desempenho.

No domingo proximo outro e mais variado espectáculo. Vale a pena vêr os artistas. Ninguem se arrepende, affiançamos.

Ao theatro, pois, no domingo. —Como estava annunciado nos cartazes, não é no domingo que o afamado prestigeador Lara dá o seu espectáculo, mas sim no ultimo do mez corrente.

E até lá, fallaremos.

Será verdade?

Consta-nos que a capitania do porto, notificou á camara para que intimasse os donos d'uns palheiros construidos no Furadouro a demolil-os.

Será verdade?

A camara

Anda a camara espavorida. Ahi andou o sr. Braga, o escriptor, ahi andou o sr. Martins, um dos vogaes, cercando os maiores contribuintes—e o que fizeram talvez em breve conste d'autos officiaes.

Porém, hoje, 10 de outubro, tomou uma d'estas resoluções que só lembram nas crises.

Os srs. vogaes, não todos, cheios de representação e de solemnidade, em corpo, apresentaram-se ao sr. secretario geral, que serve de governador civil, e decerto intimidaram os poderes superiores. O sr. Massa participou para Lisboa os ares terriveis do vice-presidente, que levava a sua bengala de cavallo cerquinho, e não deixará de fazer sentir ao sr. Franco a verdade da famosa representação, trasbordando e pingando do papel sellado.

A hydrall

Desde a semana ultima, que a nossa ex.^{ma} se encontra em perigoso estado.

A participação dos escreventes, como lhe chama o *heroe*, abalou o cenaculo tão sagazmente construido, pondo em risco a vida de tão illustre senhora.

A salvação está no protesto, escripto pelo proprio punho do principal accusado... aliás enfermo.

Ai, protesto da minha alma! só tu, só tu nos poderás livrar d'estes apertos!...

Cuidado!!! O edificio começa a desmoronar-se e nem ganchos, nem pinheiros impedirão a ruina.

Voltaremos ao assumpto.

Rindo!

Na quarta pagina do nosso jornal —á margem— publicamos um artigo com o titulo *Rindo...*

Novo leccionista

Já começou a leccionar as disciplinas de instrucção primaria elemental e complementar, e portuguez, curso completo, o nosso amigo sr. Manoel Augusto Nunes Branco, da rua das Neves.

O sr. Nunes Branco é um moço competentemente habilitado, tem um excellent methodo para ensino, e tudo isto leva a crêr que ao novo leccionista seja dispensado todo o auxilio do publico.

Assim o esperamos, desejando ao nosso amigo grande numero de alumnos.

Incommodada

Tem passado mal a sr.^a Margarida Casimira.

Sentimos, e rapidas melhoras lhe desejamos.

A sola das botas

Somos auctorizados por escripto pelo dr. Sobreira a declarar «que o carro, em que os musicos da philarmonica Ovarense vieram no dia em que, por obsequio áquelle cavalheiro tocaram na assembleia do Furadouro, foi por elle pago e não pelos socios da assembleia, e, quando o fosse, não era á custa do dr. Fragateiro, que ainda não pagou a sua mensalidade.—Que pagou ao cocheiro do Loureiro tanto quanto este lhe pediu e que apenas extrahou ao mesmo que, estando o carro fretado para a musica por sua conta, elle mettesse n'elle, sem a devida auctorisação, pessoas estranhas.»

Ahi está como se desfazem as trapalhices em que sempre anda envolvido o *Ovarense*.

Estava o dr. Sobreira no seu pleno direito de não pagar por inteiro o frête do carro, logo que o cocheiro metteu n'elle pessoas extranhas sem sua licença. Não procedeu porém assim, porque não costuma fazer a figura que o director politico do *Ovarense* faz, inscrevendo-se como socio da assembleia e sendo o unico que ainda não pagou a mensalidade.

Estradas—Iluminação—O despeixo camarario

Como quem manda é o *vice*, perguntamos-lhe quaes as providencias tomadas quanto ás estradas

que estão em completo cabos, e demais a mais, de noite, d'um perigo grande para os transeuntes, visto que nem sequer se accende a illuminação publica.

Não ha petroleo? Não ha empregado?

E não se lembra este *benemerito* vice o que escreveu, ácerca da illuminação, em 89, quando geriam os negocios municipaes os progressistas, seus actuaes correligionarios.

Leia se:

—«A infeliz illuminação publica vae de mal a peor. Ainda d'antes em uma noite ou outra, os candieiros eram accessos ao escurecer; mas agora accendem-se muito de vagar, só altas horas da noite o lampianista chega a algumas ruas e não faz a graça de accender todos os candieiros. De quando em quando ficam alguns apagados, naturalmente para poupar petroleo á camara, quer dizer, ao fornecedor, que é vereador da camara.

E tudo isto hade ir assim!»

Ora depois d'isto, que faz o *vice*, o articulista d'esse tempo do *Povo d'Ovar*?

Embora não sejamos ouvidos, não cessaremos de bradar bem alto: Providencias para as estradas, e illuminação!

Prêgamos no deserto? Embora.

Aos leitores

Está o rato na ratoeira. Entende?

O heroe na dança

Disse o heroe no *Povo d'Ovar* n.^o 86:

—«Faz hoje tres semanas que passando o Cunha pela Praça, os garotos se aceraram d'elle pedindo ginetes. O Cunha chegou ao pé d'uma banca onde se vendiam rosquilhas e principiou a arremessal-as para o ar, numa a uma. Os garotos muito satisfeitos já davam *vivas*, e o Cunha via-se assim elevado nas aras da popularidade...»

As rosquilhas iam indo umas atraz das outras, e a geneteira a olhar pasmada para aquillo.

No fim o Cunha foi andando e a respeito de pagar... *nada*.

Tal qual como ia succedendo aos muzicos e aos fogueteiros... e ainda está succedendo a alguns individuos que forneceram vinho.

A geneteira quando viu que elle não voltava, foi pedir-lhe o dinheiro e agarrou-o á porta do Abraço. O homem estava admirado, nem já se lembrava...

Como elle anda!...

Tambem muita gente se admira como o *sór* heroe mastiga outra vez e engole o que tantissimas vezes vomitou contra tudo e todos.

Nós, porém, não nos admiramos. Ainda é capaz de mais.

Visita

Vindo de Lisboa, acha-se n'esta villa com alguns dias de licença e de visita a sua familia, desde domingo, o sr. Arthur Lopes da Silva.

Este nosso amigo deu-nos a hora da sua visita, cujo reconhecimento lhe significamos n'este lugar, estimando vel o entre nós, e lamentando sómente a sua breve retirada.

O sr. Arthur Lopes regressa a Lisboa segunda-feira.

CHRONICA

FREI DAS DORES

I

Offerto o meu trabalho d'hoje a este santo padre, filho illustre d'esta terra, primeira gloria sagrada que o sol de toda a Europa illumina, luz benefica, fulgente e civilisadora que nos mostra e ensina o caminho do céu.

Vou fazer-lhe uma resumida descripção moral e physica, como poso, mas com vontade. Porque eu por este santaralhão dou vida e alma e tudo.

Conhecem-o? E' uma estampa d'homem soberba, rara; a sua estatura mais que regular; uma cara sympathica, as faces pallidas, muito pallidas, algumas rugas bem visiveis que traduzem não o peso dos annos—é ainda joven—mas o aturado estudo.

Porque este meu preclarissimo Frei das Dores, além d'uma intelligencia collossal, robusta, que revelou logo ao nascer, abraçou os santos livros dos quaes tem bebido as melhores doutrinas.

Por isso elle, o meu querido Frei das Dores, é a estrella que brilha com mais intensidade na sua patria, para não ser demasiado na exaggeração, chamando-lhe estrella sagrada e unica que allumia todo o Universo!

Aquella cabeça a que alguns escrupulosos, garotos personificados, chamam «cortiço velho de roupa suja e velha» é um armazem de sciencias. Elle, o Frei dos meus encantos, sabe latim como nunca souberam os Vieiras, a sua voz no templo é maviosa, terna, como a da cotovia; o seu olhar magnetico, muito vivo como a luz da candeia ao faltar-lhe o alimento—o azeite.

Tem uma area enorme, uma barriga, uma pança como os maiores tuneis, gordo e pançudo, cabeça grande e do feitio d'um choppo velho, esburacado, mãos cabelludas, morenas, mais morenas que as tuas faces—ó minha feiteiceira!, tal é o meu caro das Dores!

Ellé morre tambem,—Deus me corte o fio que me une á vida antes de passar por tão doloroso transe! vae para as trevas do Paraizo, mas a sua memoria ficará e viverá atravez de seculos e seculos.

A sua estatua deve ser levantada no centro do jardim da Estrella com a sympathica frente voltada para o Real Theatro do mesmo nome, como na contemplação e admiração do seu santo mano, Frei dos Apostolos, quando este ensaiava a sua gente com aquelle methodo antigo, inequalavel, optimo; e como preito d'eterna sympathia ao Luiz da Maleita, maestro eximio, o Rossini vareiro, que varias vezes fez ouvir a sua voz dentro d'aquella casarão, e arrancou gemidos d'aquella rebecca, gemidos que fariam derramar lagrimas a uma *Maria Cachucha*, se vivesse.

Frei das Dores foi mestre de E. Castelar, e isto tanto basta para se conhecer o seu grande merito oratorio.

Ora bem, com precisão e rapidez! E' elle a orar ás suas ovelhas, e o Luiz a berrar até fugir meio mundo!

Frei das Dores é um santo. Eu adoro o e prometto não deixar de o admirar e louvar em quanto Deus permittir que este cargo de chronista provinciano me não seja retirado por indecente e má figura.

E assim como adoro o meu santo Frei, protesto tambem contra meia duzia de linguas porcas, sabujas, que propalaram, ha tempos, que elle, o meu querido santaralhão, resára 700 missas em um anno!, passando a respectiva certidão.

Póde lá ser?!

Miseraveis, imbecis! E dizem que n'um «Districto de Aveiro», lá vem isso.

Póde lá ser?!

E os tratantes por isso chamavam-lhe o—*Papa-missas!*

Sempre miseraveis!

O meu Frei das Dores só foi ferido, e injustamente pelo heroe de S. João, que disse d'elle coisas tão feias que até parece mal transcovel-as.

E' verdade que o Frei, o meu senhor Frei, perdoou-lhe os peccados, absolvendo-o e abraçando-o por elle virar a casaca para o *Vosserices*, o Rossini, o cantor infernal.

Mas ser elle, o santo padre, capaz de passar certidão de 700 missas em um anno?! Protesto, assim como protesto chamarem-lhe *Papa-missas*.

Elle, o barrigudo, é o mais illustre filho d'esta terra, gloria sagrada que o sol de toda a Europa illumina, luz benefica, fulgente e civilisadora que nos mostra o caminho do Bem, e o maior amigo que eu conto na vida e na morte.

Elle, o padre da cara sympathica não é *Papa-missas*, não reza mais que 365 missas no anno.

Má-linguas!

Por isso elle, o professor de Castellar, só gosta de mim; e por isso eu lhe dedico o meu trabalho d'hoje.

Que elle m'o agradeça, e eu acompanhá-lo-hei.

Frei das Dores não é *Papa-missas*, não, é um santo.

Jayme.

CORRESPONDENCIAS

Regoa, 8 de outubro

Debaixo d'uma chuva quasi incessante decorreu a vindima de 1893. Assignalada ficará na chronica do tempo esta colheita.

Eu tive de aturar, por obrigação dos meus haveres, tão estúpida quanto aborrecida estopada.

Da praia da Foz, aonde veraneava e aonde gosava os rendimentos, sempre em folgança alegre, tive de vir embrenhar-me nas lides assim d'uma vindima.

Os meus fados fizeram-me proprietario de terras de vinho e só quem é agricultor viticola é que póde avaliar da sua situação.

Desesperadinho estou eu por voltar para o seio dos meus, que veraneiam n'aquella praia, e para retemperar-me das forças e do chorumbe que perdi n'este interregno; mas ando com as *aguas-pés* e com a hygiene da *louça* que serviu na vindima. Emfim não ha remedio! Por amor do *bago* para o brodio não posso desesperar-me.

E' aquelle santo o meu idolo que adoro até ao fanatismo, e por isso reverentemente me curvo deante do seu altar para que me abra o cofre das suas graças. E' certo que este anno não deverá ser benigno, ainda que queira, na sua reconhecida, para mim, generosidade por quanto a escassez do anno não lh'o permittirá.

As colheitas foram pouquissimas e eu posso-o, infelizmente, asseverar.

Todavia confiemos na sua muita bondade.

Logo que regresso para junto dos meus, na Foz, continuarei com regularidade nas minhas correspondencias.

S. Garrido.

ANNUNCIOS

Companhia de Seguros INDEMNISADORA

AGENTE EM OVAR

Ernesto Augusto Zagallo de Lima PRAÇA, 63

EDITORES—BELEM & C.—LISBOA

A VIUVA MILLIONARIA

ULTIMA PRODUÇÃO DE

EMILE RICHEBOURG

Auctor dos romances: *A Mulher Fatal*, *A Martyr*, *O Marido*, *a Avó*, *A Filha Maldita* e a *Esposa*, que tem sido lidos com geral agrado dos nossos assignantes

Edição illustrada com bellos chromos e gravuras

A fama do admiravel trabalho, que vamos ter a honra de apresentar á elevada apreciação dos nossos assignantes, e cuja publicação está terminando em Paris, centro principal de todo o movimento literario contemporaneo, tem sido alli consagrada por um exito verdadeiramente extraordinario, que mais e mais tem engrandecido e exaltado a reputação do seu auctor, já tantas vezes laureado. E com effeito nunca EMILE RICHEBOURG provou tão manifesta e exuberantemente os grandissimos recursos da sua fecunda imaginação.

Este romance, cuja acção se desenvolve no meio de scenas absolutamente verosimeis, mas ao mesmo tempo profundamente commoventes e impressionantes, excede, debaixo de todos os pontos de vista, tudo o que o festejado romancista tem escripto até hoje, e está evidentemente destinado a tomar logar preeminente entre os trabalhos litterarios, mais justamente apreciados á actualidade.

A empreza, que procura sempre com o maior escrupulo corresponder dignamente ao favor dos seus assignantes espera continuar a merecer o seu valioso auxilio, que mais uma vez se atreve a solicitar.

Brinde a todos os assignantes

Uma estampa em chromo de grande formato, representando a

Vista da Praça de D. Pedro

EM LISBOA

Tirada expressamente em photographia para este fim, e reproduzida depois em chromo a 14 côres. copia fiel da magestosa praça em todo o seu conjunto. Tem as dimensões de 72 por 60 centimetros, e é incontestavelmente a mais perfeita que até hoje tem apparecido.

Brinde aos angariadores em 2, 4, 10, 15 e 30 assignaturas.

Condições d'assignatura:

—Chromo, 10 réis; gravura, 10 réis; folha de 8 paginaas 10 réis. Sahirá em cadernetas semanaes de 4 folhas e uma estampa, ao preço de 50 réis pagos no acto da entrega. O porte para as provincias é a custa da Empreza, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido o importe da anteciente.

A empreza considera correspondentes as pessoas das provincias e ilhas que se responsabilisarem por mais de tres assignaturas.

A commissão é de 20 p. c., e sen lo 10 assignaturas ou mais terão direito a um exemplar da obra e ao brinde geral.

Em Lisboa recebem-se assignaturas no escriptorio dos editores—rua do Marechal Saldanha, 26—LISBOA, onde se requisitam prospectos

Acceta-se correspondente n'esta localidade.

AGRADECIMENTO

D. Joanna Gomes Dias Ferreira de Aguiar Huet de Bacellar e Gonçalo Huete de Bacellar Sotto-Mayor Pinto Guedes, agradecem a todas as pessoas que os cumprimentaram por occasião do fallecimento de sua chorada mãe.

Furadouro, 28 de setembro de 1893.

MACHINA DE COSTURA

Vende-se uma (Singer) em bom estado, propria para costureira ou alfaiate, por um preço rasoavel.

Para tratar—Joaquim Gomes da Silva, o Merceneiro.

RUA DA PRAÇA

OVAR

LIVROS PARA REGISTO DE HOSPEDES

E relações dos mesmos que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar todos os dias ao commissariado de policia. Vendem-se na

IMPRESA CIVILISAÇÃO

MURICIO GUÉRIN

SEGREDOS DA SCIENCIA

ARTES E OFFICIOS

A' venda na IMPRESA CIVILISAÇÃO, Pocinha, 73.—Preço 400 réis.

NOTAS DE EXPEDIÇÃO

Para encomendas
FEITAS PELA
COMPANHIA REAL

DOS
Caminhos de Ferro Portuguezes

Impressas nitidamente em bom papel. PREÇOS, por milheiro, muito rasoaveis. Ha sempre grande deposito na

Imprensa Civilisação

Largo da Pocinha, 73 a 77

PRAIA

FURADOURO

O antigo e acreditado *Hotel do Furadouro*, abriu no dia 8 d'agosto e fecha a 15 de novembro.

O serviço é melhorado todos os annos, pois que o proprietario não se poupa a despezas para conseguir a commodidade dos seus hospedes.

Preços muito rasoaveis.

Banhos quentes, d'agua salgada e doce.

Café e bilhar.

Completo sortido de bebidas nacionaes e estrangeiras.

Vinhos da Vinicola e d'outros armazens.

Ha carros na estação a todos os comboios.

Pedidos ao proprietario

Silva Cerveira,

Ovar.

COPIOGRAPHO

De massa branca preparada pelo dr. Bergmann

O unico que até hoje tem dado bom resultado chegando a tirar 100 cópias perfectas.

Preços: formato almasso 1\$800 réis.

Formato commercial réis 1\$500.

Formato meio commercial 800 réis.

Tinta violeta do dr. Bergmann, frasco 200 réis.

Para a provincia accresce 200 réis em cada copiographo e 50 réis em cada frasco de tinta,

A' venda em Lisboa, rua Aurea, 69. Porto, A. J. Fernandes, largo dos Loyos, 44 e 45.

CASA EDITORA

DE

GUILLARD, AILLAUD & C.^a

Rua Aurea, 242-1.º

Manual do Carpinteiro e Marceneiro

Este Manual que não só trata de moveis e edificios, é um tratado completo das artes de carpinteria e marcenaria, adornado com 211 estampas intercaladas no texto, que representam figuras geometricas, molduras, ferramentas, samblagens, portas, sobrados, tectos, moveis de sala, etc., etc. Tudo conforme os ultimos aperfeiçoamentos que tem feito estas artes.

Esta casa editora animada com o grande exito obtido com a primeira edição que está esgotada, resolveu fazer 2.ª edição ao alcance de todas as bolsas com especialidade das classes operarias e n'esse intuito sahirá a fasciculos.

Este Manual de Carpinteria e Marceneria contem aproximadamente 580 paginas e serão distribuidas nas seguintes condições:

Assigna-se em Ovar—Casa de Silva Cerveira.

NOVIDADE

Cerveja DANUBIA e BOCK-BIRR.

Grande sortido de mantas, regatas, plastrons e lavaliers.

Vinhos finos da Companhia e de outros armazens, desde 100 a 1\$500 réis.

SILVA CERVEIRA

LOJA DO POVO

PRAÇA, 63—OVAR

Imprensa Civilisação

DE

MANOEL F. LEMOS

OFFICINA DE CONFIANÇA, FUNDADA EM 1878

73, Largo da Pocinha, 77

(R. de Santo Ildefonso)

R. de Passos Manoel, 192

PORTO

N'esta officina imprime-se com promptidão, nitidez e por preços relativamente modicos, todo e qualquer trabalho typographico.

Facturas, memoranduns, mappas, bilhetes de loja, envelopes, jornaes de pequeno e grande formato, obras de livro, todos os trabalhos para Associações de Soccorros, etc., etc., para o que ha abundancia de typos communs e de phantasia, bem como variadas e lindas com binações recebidas das principaes casas estrangeiras.

BILHETES DE VISITA a 160 e 200 réis o cento

BILHETES DE RIFA a preços baratos

BILHETES DE LUTO para agradecimento

Enviem-se pelo correio a quem fizer o pedido acompanhado da respectiva importancia.

TEM A' VENDA:

RELAÇÕES que os proprietarios dos hotéis são obrigados a enviar com o nome dos hospedes ao commissariado de policia.

LIVROS para registro de hospedes.

RELAÇÕES de novo modelo para receber o juro das inscrições, bem como das obrigações de 4 e meio p. c., etc., etc.

TABELLAS do movimento da população, que os srs. regedores e parochos das freguezias são obrigados a enviar semanalmente para as administrações.

RECIBOS para todas as Juntas de parochia (modelo official).

ARRENDAMENTOS para caseiros e senhorios.

GUIAS para acompanhar a correspondencia official ao correio.

NOTAS de expedição para encomendas feitas pela Companhia Real dos Caminhos de Ferro Portuguezes.

Fabricam-se CARIMBOS DE BORRACHA tanto para particulares como para repartições publicas, por preços rasoaveis.

Na redacção d'este jornal toma-se conta de encomendas tanto de cartões de visita e rifa, como de outros impressos.

Rindo...

Vae, misero cavallo lazarento,
Pastar longas campinas livremente;
Não percas tempo, enquanto t'o consentom
De magros cães faminto ajustamento:

(Nicolao Tolentino)

Que pena Xifra você não viver no tempo de Nicolao Tolentino ou de José Agostinho de Macedo!

Passava por certo á posteridade celebrado no prologo d'um poema, você que quer encontrar celebridade nas chicotadas com que semanalmente deslombamos a sua prosapia tola e a sua ignorancia supinamente ridicula.

Em quanto Nicolao Tolentino deitava á margem os seus congeneres e José Agostinho cantava os asnos do seu quilate, nós embirramos de os deslombarmos.

Mas que remedio ha senão applicar lhe o correctivo.

Dura lex, sed lex.

E' preciso ser d'uma audacia e d'uma ignorancia medonhas para vir a publico dizer tanto disparate, pespegar tanto coice, como você faz n'aquellas chocarrices com que enche o seu papel.

Só você, Xifra, é que é capaz de dizer que os pinheiros são arvores de talhadia. E para isso encabeça, torce e estrangula uns artigos do Codigo Civil que nunca comprehendeu, que lhe metteram pelos ouvidos dentro.

Vamos que é preciso ser muito asno, mais asno que os burros de Padre José Agostinho para affirmar tanto desconchavo.

Com a breca! Quando tiver de escrever consulte o Limonada ou o Piroleta, que elles com certeza lhe dizem que os pinheiros são arvores de talhadia. Sabe isto qualquer pessoa, mesmo o Cifra, que o Carga d'Ossos comprou por uma libra falsa.

E só você, Xifra, é que desconhece isto.

Você perde-se com os ganchos.

Foram os ganchos ou a batota do Furadouro que lhe levou com os patacos os conhecimentos?

Agora dementado e asno vem sem licença da auctoridade e sem colleira que indique a marca do dono, espinotear para a praça publica, sandices, porcarias que causam nojo ao Limonada e até mesmo ao Piroleta.

Um conselho d'amigo, Xifra. Quando quizer saber qualquer coisa procure o Carga d'Ossos. Aquillo é um sabichão d'uma canna só. Como elle o acompanhou no protesto—apesar do que o Xifra disse d'elle—deve dar-lhe elementos para discutir.

E a final de contas é um pangedo que ha-de ser lançado á margem como você. Ao menos, Xifra, terá quem o acompanhe, e lá diz o velho latim:

Solatio est miseris socios habere pennates.

Fagundes João.